

# Capítulo Um



*11 de Janeiro de 2140*

*O meu nome é Anna.*

*O meu nome é Anna e não devia estar aqui. Não devia existir.*

*Mas existo.*

*Não tenho culpa de estar aqui. Não pedi para nascer. Claro que isso não torna menos mau o facto de ter nascido. Mas apanharam-me depressa, o que é um bom começo. Pelo menos, é o que Mrs Pincent diz. Mrs Pincent dirige Grange Hall. Chamamos-lhe Senhora Directora. Grange Hall é o sítio onde vivo. O sítio onde nos ensinam a sermos Úteis – a sermos «um mal menor», como diz Mrs Pincent.*

*Não tenho mais nenhum nome. Mrs Pincent tem. O nome dela é Margaret Pincent. Há quem lhe chame Margaret, mas a maioria das pessoas chama-lhe Mrs Pincent e nós chamamos-lhe Senhora Directora. Nos últimos tempos, também comecei a chamar-lhe Mrs Pincent, mas não quando falo directamente com ela – não sou parva.*

*Os Legítimos costumam ter pelo menos dois nomes, às vezes mais.*

*Eu não. Eu sou só Anna. As pessoas como eu não precisam de mais nomes, diz Mrs Pincent. Um chega perfeitamente.*

*Na verdade, ela nem gosta do nome Anna – contou-me que tentou mudá-lo quando cá cheguei. Mas eu era uma criança obstinada, diz ela, e não respondia a mais nenhum, por isso acabou por desistir. Ainda bem – eu gosto do nome Anna, apesar de terem sido os meus pais a dar-mo.*

*Detesto os meus pais. Violaram o Pacto. Só pensaram neles e em mais ninguém. Agora estão presos. Não sei onde. Já nenhum de nós sabe nada dos nossos pais. Por mim, está muito bem assim – também não tinha nada para lhes dizer.*

*Aqui, nem as raparigas nem os rapazes têm mais do que um nome. É uma das coisas que nos tornam diferentes, diz Mrs Pincent. Claro que não é o mais importante – ter um nome é só um pormenor. Mas às vezes não parece um pormenor. Às vezes queria ter um segundo nome, mesmo que fosse horrroso – um qualquer, tanto fazia. Uma vez até perguntei a Mrs Pincent se me podia chamar Anna Pincent, para ter o nome dela a seguir ao meu. Mas ela ficou mesmo zangada e bateu-me com força na cabeça e deixou-me sem refeições quentes uma semana inteira. Mais tarde, Mrs Larson, a nossa Instrutora de Costura, explicou-me que tinha sido um insulto sugerir que alguém como eu pudesse ter o nome de Mrs Pincent. Como se pudessemos ser alguma coisa uma à outra.*

*Na verdade, até tenho mais ou menos outro nome, mas vem antes e não a seguir ao meu. E todos aqui têm o mesmo, por isso nem parece um nome a sério. Nas listas que Mrs Pincent traz sempre com ela, apareço como:*

*«Excedente Anna».*

*Mas, de facto, é mais um rótulo do que um nome. Em Grange Hall, somos todos Excedentes. Excedentes em relação às necessidades do mundo. Excedentes em relação à capacidade da Natureza.*

*A verdade é que tenho muita sorte em estar aqui. É uma oportunidade de remir os Crimes dos Meus Pais, se me esforçar o suficiente para me tornar capaz de trabalhar para alguém. Nem todos têm esse privilégio, diz Mrs Pincent. Em certos países, os Excedentes são mortos, abatem-nos como se fossem animais.*

*Claro que aqui nunca fariam uma coisa dessas. Aqui, em Inglaterra, ajudam os Excedentes a serem Úteis para outras pessoas. Deste modo, nem é assim tão mau termos nascido. Aqui, criaram Grange Hall por causa das necessidades de pessoal doméstico dos Legítimos, e é por isso que temos de nos esforçar tanto. Para mostrar a nossa gratidão.*

*Mas não é possível ter Centros de Excedentes como Grange Hall espalhados pelo mundo para acolher todos os Excedentes que nascem. É como um copo, diz Mrs Pincent. Qualquer*

*Excedente pode ser a gota de água que o faz transbordar. Provavelmente, sermos abatidos ainda é o melhor para toda a gente – quem é que queria ser a gota que faz transbordar o copo da Mãe Natureza? É por isso que detesto os meus pais. Por culpa deles é que aqui estou. Não quiseram saber de mais ninguém, só deles.*

*Às vezes penso nas crianças que são «abatidas». Pergunto-me como farão as Autoridades e se dói ou não. E pergunto-me onde irão arranjar criadas e criados nesses países. Ou biscateiros, por exemplo. A minha amiga Sheila diz que aqui às vezes também abatem as crianças. Mas eu não acredito. Mrs Pincent diz que a Sheila tem uma imaginação demasiado fértil e que isso ainda vai ser a desgraça dela. Se tem uma imaginação demasiado fértil ou não, isso não sei, mas realmente parece-me que inventa coisas, como quando para cá veio e me jurou que os pais não tinham assinado o Pacto, que ela era Legítima e que tudo não passava de um engano, porque eles tinham feito Acto de Renúncia. Não parava de dizer que a viriam buscar quando tivessem esclarecido tudo.*

*Claro que nunca vieram.*

*Em Grange Hall somos quinhentos. Sou uma das mais velhas e aquela que está cá há mais tempo. Vivo aqui desde os meus dois anos e meio – era a idade que tinha quando me descobriram. Estava fechada num sótão – inacreditável, não é? Parece que os vizinhos me ouviram chorar. Sabiam que não devia haver crian-*

*ças naquela casa e chamaram as Autoridades. Devo muito a esses vizinhos, diz Mrs Pincent. As crianças pressentem a verdade, diz ela, e eu com certeza estava a chorar porque queria ser descoberta. Que mais poderia fazer – passar o resto da vida num sótão?*

*Não me lembro do sótão nem dos meus pais. Dantes ainda me lembrava, acho eu – mas não tenho a certeza. Podiam ser só sonhos. Porque iria alguém violar o Pacto e ter um filho para depois o esconder num sótão? É pura estupidez.*

*Da minha chegada a Grange Hall também mal me lembro, mas não admira – quem é que guarda memórias de quando tinha dois anos e meio? Sei que senti frio e berrei pelos meus pais até ficar rouca, porque nessa altura ainda não tinha percebido como eles eram egoístas e estúpidos. Também sei que estava sempre a meter-me em sarilhos. Mas não me lembro de mais nada.*

*Agora já não me meto em sarilhos. Aprendi a ser responsável, diz Mrs Pincent, e estou prestes a tornar-me um Recurso Valioso.*

*«Recurso Valioso Anna». Agrada-me muito mais do que «Excedente Anna».*

*O motivo pelo qual vou ser um Recurso Valioso é que aprendo depressa. Cozinho cinquenta pratos com classificação de Excelente e quarenta com classificação de Suficiente. Não sou tão*

*boa no peixe como na carne. Mas sou boa costureira e, segundo a minha última avaliação, serei uma criada muito razoável em casa de alguém. Se melhorar a atenção aos pormenores, a próxima avaliação vai ser ainda mais positiva. O que significa que, daqui a seis meses, quando sair de Grange Hall, poderei ir para uma das melhores casas. Daqui a seis meses faço quinze anos. Vou ter de olhar por mim, diz Mrs Pincent. É uma sorte ter tido uma instrução tão boa, porque sei Pôr-me no Meu Lugar, e nas melhores casas gostam disso.*

*Não sei bem o que sinto quando penso que vou deixar Grange Hall. A ideia entusiasma-me, acho eu, mas também me assusta. O mais longe que alguma vez estive foi na vila, numa casa onde fiz um estágio de três semanas, quando a criada deles adoeceu. Miss Kean, a Instrutora de Culinária, levou-me lá a pé, numa sexta à noite, e depois foi buscar-me no fim do estágio. Como estava escuro das duas vezes, não consegui ver quase nada da vila.*

*Mas a casa era linda. Muito diferente de Grange Hall – tinha as paredes pintadas de cores vivas e quentes, com tapetes macios no chão, onde podia ajoelhar-me sem magoar os joelhos, e com uns sofás enormes, que davam vontade de me enroscar e dormir para sempre.*

*Tinha um grande jardim, que se via de todas as janelas e que estava cheio de lindas flores. Nas traseiras, havia um pedaço de terra, a Horta Obrigatória, onde Mrs Sharpe às vezes cultivava legumes, embora naquela altura não tivesse nenhuns. Mrs*

*Sharpe dizia que as flores são uma Extravagância e que as Autoridades não as vêem com bons olhos. Agora que não se pode transportar alimentos de avião, toda a gente tem de cultivar os seus. Mrs Sharpe achava que as flores também são importantes, mas dizia que as Autoridades não concordam. Parece-me que ela tem razão – acho que as flores podem ser tão importantes como a comida. Depende do tipo de fome.*

*Dentro de casa, às vezes Mrs Sharpe acendia os aquecedores, por isso nunca fazia frio. E ela era uma mulher muito simpática e muito boa – uma vez, estava eu a limpar-lhe o quarto, perguntou se não queria experimentar um batom. Respondi que não, porque tive medo de que fosse contar a Mrs Pincent, mas depois arrependi-me. Mrs Sharpe falava comigo quase como se eu não fosse Excedente. Dizia que lhe sabia bem ter outra vez em casa uma cara jovem.*

*Adorei trabalhar lá – principalmente por Mrs Sharpe ser tão simpática, mas também por causa das fotografias que ela tinha espalhadas pelas paredes, com imagens de sítios fantásticos. Em todas elas se via Mrs Sharpe, a sorrir, com uma bebida na mão ou de pé diante de um monumento ou de um belo edifício. Dizia que eram recordações das suas viagens. Fazia férias no estrangeiro pelo menos três vezes por ano. Contou-me que antigamente viajava de avião mas que agora, com a subida das taxas de energia, tinha de ir de barco ou de comboio, mas que ia na mesma porque não se podia deixar de ver o mundo, senão de que é que valia? Quis perguntar-lhe de que é que valia o quê, mas calei-me, porque não se deve fazer perguntas, é má educa-*

ção. Mrs Sharpe disse que já tinha ido a cento e cinquenta países diferentes, a alguns mais de duas vezes, e eu tentei não ficar de boca aberta, porque não queria que ela percebesse que nem me passava pela cabeça que houvesse tantos países no mundo. Em Grange Hall não nos ensinam nada sobre países.

Agora, Mrs Sharpe já deve ter ido a cento e cinquenta e três países, porque já passou um ano desde que estive lá em casa. Quem me dera continuar ao serviço dela! Nunca me bateu, nem uma vez!

Deve ser fantástico viajar. Mrs Sharpe mostrou-me um mapa do mundo e disse-me onde fica a Inglaterra. Falou-me dos desertos do Médio Oriente, das montanhas da Índia, e do mar. Acho que o meu sítio preferido ia ser o deserto, porque parece que não há lá mesmo ninguém. No deserto, ia ser difícil sentir-me Excedente – mesmo sabendo que o era, não haveria ninguém para mo recordar.

Mas o mais provável é que nunca chegue a ver nenhum deserto. Mrs Pincent diz que os desertos estão a desaparecer muito depressa porque agora já é permitido lá construir. São um luxo que este mundo não pode sustentar, diz ela. E acrescenta que eu devia era preocupar-me com a roupa que tenho para passar a ferro, em vez de me pôr a pensar em lugares aonde nunca poderia ir. Mas não sei muito bem se ela tem razão a respeito dos desertos – embora jamais lho fosse dizer. Mrs Sharpe contou-me que tinha tido uma criada que ia viajar com ela, que lhe



*fazia as malas, tratava dos bilhetes e coisas assim. Teve-a durante quarenta anos e ficou muito triste quando ela se foi embora, porque a nova criada não aguenta o calor e ela tem de a deixar em casa quando viaja. Se eu fosse trabalhar para uma patroa que viajasse muito, acho que não me ia importar com a temperatura. O deserto é o lugar mais quente do mundo e tenho a certeza de que eu ia adorar.*

– Anna! Anna, Vem cá imediatamente!

Anna ergueu os olhos do pequeno diário que Mrs Sharpe lhe dera como presente de despedida e guardou-o rapidamente, bem como à caneta, no seu esconderijo.

– Sim, Senhora Directora – apressou-se a responder, saindo num ápice do Balneário Feminino 2 e precipitando-se pelo corredor, com o rosto afogueado. Há quanto tempo estaria Mrs Pincet a chamá-la? Como pudera não a ouvir?

A verdade é que nunca se apercebera de como escrever podia ser absorvente. Havia um ano que recebera o diário. Era um caderninho grosso forrado a camurça cor-de-rosa clara, com páginas espessas e macias, tão bonitas que não conseguia imaginar-se a manchar com uma letra que fosse a beleza daquele papel. Quantas vezes pegara nele para o contemplar... Revolvia-o entre as mãos, deleitando-se culposamente com a suave textura da camurça na sua pele, antes de tornar a pô-lo em segurança. Nunca, porém, escrevera nele – quer dizer, nunca até hoje. Hoje, por alguma razão, tirara-o do esconderijo, pegara numa caneta e, sem sequer pensar, começara a escrever. E, tendo começado, descobrira que não queria parar.

Pensamentos e emoções que habitualmente permaneciam ocultos sob as preocupações e o cansaço vinham de súbito à tona como se o ar lhes faltasse.

O que não tinha problema nenhum. Porém, se a descobrissem, haviam de lhe bater. Em primeiro lugar, os Excedentes não estavam autorizados a aceitar presentes de ninguém. E, em segundo lugar, manter diários ou escrever era proibido em Grange Hall. Não estavam ali para ler nem para escrever; estavam ali para aprender e para trabalhar, como lhes recordava Mrs Pincet a todo o momento. Dizia que tudo seria mais simples se, para começar, não tivessem de ensinar os Excedentes a ler nem a escrever, porque ler e escrever eram actividades perigosas; faziam-nos pensar, e um Excedente que pensasse demasiado tornava-se inútil e indócil. Contudo, as pessoas queriam pessoal alfabetizado, pelo que Mrs Pincet não tinha escolha.

Anna sabia que, se fosse um Recurso Valioso genuíno, teria deitado fora o diário. A tentação era um teste, costumava dizer Mrs Pincet, e ela já por duas vezes reprovava: primeiro, ao aceitar o presente e, agora, ao escrever nele. Um Recurso Valioso genuíno não sucumbiria à tentação desta maneira, pois não? Um Recurso Valioso genuíno pura e simplesmente não violaria as regras.

No entanto, Anna, que nunca violava uma regra, que acreditava que as leis existem para serem cumpridas à risca, tinha finalmente encontrado uma tentação a que não conseguia resistir. Agora que o diário albergava a sua escrita, Anna compreendia quanto estava em causa, mas, mesmo assim, não suportava a ideia de ficar sem ele, fosse qual fosse o preço a pagar.

Teria apenas de fazer com que jamais o encontrassem, decidiu, enquanto corria para o gabinete de Mrs Pincet. Se ninguém conhecesse o seu segredo vergonhoso, talvez conseguisse enterrar o que sentia juntamente com o diário e convencer-se de que, apesar de tudo, não era má, de que o pequeno fragmento de paz que para si mesma esculpira em Grange Hall não estava verdadeiramente em risco.

Antes de dobrar a esquina, Anna inspeccionou-se rapidamente e ajeitou o fato-macaco. Os Excedentes tinham de manter uma aparência sempre limpa e composta, e a última coisa que ela queria era irritar Mrs Pincet desnecessariamente. Agora era Excedente Responsável, o que significava que podia servir-se de segunda dose às refeições, se sobrasse comida, e que tinha direito a outro cobertor na cama, o que fazia a diferença entre uma noite bem dormida e uma noite passada a tremer de frio. Não, realmente não queria mesmo nada meter-se em sarilhos.

Respirando fundo e concentrando-se para apresentar a Mrs Pincet a Anna tranquila e organizada de sempre, dobrou a esquina e bateu à porta do gabinete, que estava aberta.

O gabinete de Mrs Pincet era uma divisão fria e escura com chão de madeira, paredes amareladas com a tinta a descascar e um candeeiro de tecto de luz crua que punha em relevo todo o pó que pairava no ar. Embora tivesse quase quinze anos, Anna estivera naquele gabinete a receber um castigo corporal ou outra punição qualquer vezes suficientes para sentir um medo instintivo sempre que nele penetrava.

– Até que enfim, Anna – disse Mrs Pincet com uma voz irritada. – Por favor, não voltes a fazer-me esperar desta

maneira. Quero que prepares a cama para um novo Excedente, um rapaz.

Anna acenou com a cabeça.

– Sim, Senhora Directora – disse, com deferência. – Um Pequeno?

Os residentes de Grange Hall eram classificados como Pequenos, Médios, ou Pendentes. Os novos pertenciam quase sempre ao grupo dos Pequenos, que compreendia todas as idades desde bebês até aos cinco anos. Quando entrava um Pequeno, dava-se logo por isso, graças ao choro e aos gritos que se prolongavam durante dias e dias, enquanto ele se adaptava ao novo ambiente – razão pela qual as camaratas dos Pequenos se situavam bem longe, no último piso, onde não incomodassem mais ninguém. Era esse, pelo menos, o objectivo; na realidade, porém, nunca se escapava completamente àquele pranto. Os berros dos recém-chegados – e as memórias que tal som despertava em toda a gente – impregnavam tudo; eram anos de choro suspensos no ar como uma alma que não descansa em paz. Poucos alguma vez conseguiam realmente esquecer as primeiras semanas ou meses passados no seu novo ambiente, o ambiente severo de Grange Hall; poucos poderiam gostar da recordação de os arrancarem aos pais desesperados e de os levarem a meio da noite para a sua nova morada, rígida e austera. Quando entrava um Pequeno, os outros faziam os possíveis por tapar os ouvidos e ignorar as memórias que inevitavelmente lhes assomavam ao espírito. Ninguém tinha pena do recém-chegado. Se algum sentimento ele inspirava, era irritação e raiva – mais um Excedente, para dar cabo da vida aos outros.

Os Médios eram os de seis a onze, doze anos. De vez em quando, entrava um ou outro novo e, normalmente, em vez de chorar, mantinha-se em silêncio, afastado de toda a gente. Os Médios aprendiam mais depressa como funcionava a vida da instituição, percebiam que as lágrimas e os acessos de fúria não eram tolerados e que não compensavam a tarefa que se seguia. Porém, se eram mais fáceis de suportar do que os Pequenos, também traziam a sua dose de problemas. Como chegavam tarde, e como tinham passado tanto tempo com os pais, era frequente virem com ideias muito erradas sobre as coisas. Alguns punham em causa o que lhes diziam nas aulas de Natureza; outros, como Sheila, agarravam-se em segredo à convicção de que os pais os viriam buscar. Os Médios às vezes eram mesmo ridículos. Não queriam reconhecer a sorte que tinham por estarem em Grange Hall.

Quanto a Anna, já era Pendente. «Pendente» porque aguardava colocação. Era quando se tornavam Pendentes que começava a formação a sério e que deviam aprender tudo o que iam precisar de saber para servirem os futuros patrões. Era também nessa altura que começavam a pô-los à prova, iniciando debates sobre temas como fármacos de Longevidade, pais, ou Excedentes, só para verificar se sabiam Pôr-se no Seu Lugar ou não, se estavam ou não aptos para o mundo exterior. Anna era demasiado esperta para cair nessa armadilha. Não ia ser um dos idiotas que aproveitavam a primeira oportunidade para dizer o que pensavam e se punham a criticar o Pacto. Tinham os seus dois minutos de glória e depois mandavam-nos para um centro de detenção. Trabalhos forçados, dizia Mrs Pincent. Anna tremia só de pensar. Fosse como fosse, sabia

Pôr-se no Seu Lugar e não queria questionar a ciência nem a natureza nem as Autoridades. Já se sentia suficientemente mal por existir sem se tornar uma agitadora.

Mrs Pincent arqueou o sobrolho.

– Não, não é um Pequeno. Faz a cama no dormitório dos Pendentes.

Anna arregalou os olhos. Nunca tinha entrado para Grange Hall nenhum Pendente. Só podia ser engano. A menos, como é óbvio, que tivesse sido criado noutra instituição.

– Mas ele vem... vem de outro Centro? – perguntou sem conseguir conter-se. Mrs Pincent não gostava de perguntas que não se destinassem a obter esclarecimentos sobre qualquer tarefa específica.

A Directora contraiu ligeiramente as pálpebras.

– É tudo, Anna – disse com um breve aceno. – Quero a cama pronta dentro de uma hora.

Anna assentiu em silêncio com a cabeça e encaminhou-se para a porta, tentando não trair a intensa curiosidade que sentia. Um Pendente tinha de ter pelo menos treze anos. Quem seria? Onde teria estado tanto tempo? E por que iria agora para ali?